

# Poesia Queimada de Sal

*Henrique Selani Silva*



# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	<b>PÁG 02</b>
<b>PEQUENA CONFISSÃO</b>	<b>PÁG 04</b>
<b>O QUE FAZER? (06/02/16)</b>	<b>PÁG 06</b>
<b>PROFISSÃO DE FÉ (13/02/16)</b>	<b>PÁG 08</b>
<b>PRAIA DO FORTE (18/02/16)</b>	<b>PÁG 10</b>
<b>TRANSFIGURAÇÃO (13/03/16)</b>	<b>PÁG 14</b>
<b>A FÍSICA DA PAIXÃO (16/02/16)</b>	<b>PÁG 17</b>
<b>CHAMAMENTO DA MUSA (04/04/2016)</b>	<b>PÁG 19</b>
<b>PERDIDO DE VOLTA (10/04/16)</b>	<b>PÁG 23</b>
<b>RELIGIOSIDADE (25/04/16)</b>	<b>PÁG 28</b>
<b>DEBATE JOVEM, DEBATEI!(28/04/16)</b>	<b>PÁG 30</b>
<b>DESEJO DE REALIDADE (30/04/16)</b>	<b>PÁG 32</b>
<b>DIVA (03/05/16)</b>	<b>PÁG 37</b>
<b>SOLIDÃO (07/05/16)</b>	<b>PÁG 38</b>
<b>UMA HISTÓRIA SOBRE O MISTÉRIO (18/07/2016)</b>	<b>PÁG 42</b>
<b>POLISSEMIA AMOROSA (12/08/16)</b>	<b>PÁG 43</b>
<b>POP-IMPÉRIO (13/08/16)</b>	<b>PÁG 44</b>
<b>DESABAFO (18/08/16)</b>	<b>PÁG 47</b>
<b>ESCULÁPIO (16/08/16)</b>	<b>PÁG 50</b>
<b>O SEGREDO DO VENTILADOR (05/10/16)</b>	<b>PÁG 52</b>
<b>A VEZ DO VINGADOR MASCARADO (10/10/16)</b>	<b>PÁG 55</b>
<b>TRILOGIA GUERREIRA (14/10/16)</b>	<b>PÁG 59</b>
<b>SOBRE O AUTOR</b>	<b>PÁG 67</b>

# Prefácio

Henrique Selani Silva é uma das poucas pessoas que conheço, que domina diversos fazeres do pensamento humano: Professor de física, entusiasta da filosofia e, também, uma doce alma da arte.

Suas palestras e vivências oferecem uma gama de possibilidades, através de uma oratória sofisticada e acessível para jovens e adultos.

Como professor de física, no IFF (Instituto Federal Fluminense), goza de notória admiração de seus alunos que não cansam de elogiar sua forma disruptiva de ensinar.

Por volta de 2016, ele apareceu com uma produção de poemas que causaram sensação em seu meio de convivência, Sua poesia é densa, sua intensidade nos faz respirar o ar de sua profunda empatia com os "desajustados" do mundo que vivemos, como nestes versos que abrem o poema "A volta do vingador mascarado".

*"Sou aquele da flauta quebrada.  
Aquele vítima do próprio assalto.  
Aquele descalço a andar no asfalto  
Em um dia quente."*

No poema "Polissemia amorosa" os versos chamam a atenção por suas metáforas que transcendem a questão do amor, *como este "Canto teu nome / Por todos os cantos..."*.

E no poema "Desejo de realidade" uma força intraduzível, salta para o coração do leitor, como uma chuva de ternura, não sem uma dose de existencialismo.

*"O lúdico, jogue fora.  
Não precisará mais dele...  
Encha as mãos de verdades,  
De regras e de cultos. "*

Henrique Selani usa e abusa de metáforas e forte conteúdo referencial, como no poema "Esculápio" onde o professor de física e entusiasta da filosofia, mergulha na profunda arte da palhaçaria, criando sua persona a partir de referências vividas na oficina e aprendizado de técnicas referentes à arte do picadeiro.

A poesia de Henrique Selani é um sopro do coração do poeta em busca da essência do leitor, Henrique, compartilha seu pluriverso interno com a materialidade de um mundo que nos transforma. Sua poesia não é pura transgressão e desafio.

Jiddu Saldanha - Poeta e Ator.

*“... Os anos em que minha vitalidade foi mais débil, foram os anos em que deixei de ser pessimista: o instinto de autorrestabelecimento me proibiu uma filosofia da miséria e do desânimo e é nisso que se reconhece, no fundo, que a vida-que-deu-certo! No fato de um homem bem educado fazer bem aos nossos sentidos... Ele não acredita nem no “infortúnio” nem na “culpa”... Ele sabe esquecer. Ele é forte o suficiente a ponto de fazer com que tudo tenha de vir para o seu bem. Vá lá, eu sou a antítese de um doente: pois acabei de descrever a mim mesmo!”*

*Nietzsche – Por que sou tão sábio - Ecce Homo*



# Pequena confissão

“Sua obra vem da dor”, falou comigo minha psiquiatra, em 2021, ao ler a versão não comentada deste livro. “Espero que um dia você não precise mais da dor como um estímulo para escrever”, ela continuou...

Os poemas aqui reunidos foram todos escritos em 2016, um momento marcante em minha vida. Morava sozinho em Cabo Frio – RJ e trabalhava como professor de física no Instituto Federal desta cidade. Sobre isto, a solidão e a física, algumas palavras.

A solidão determinou minha jornada naquela cidade. Este fato, penso, está bem marcado nos versos aqui retratados. O que fazer com a solidão enorme que me esmagava e com a dor desta opressão? Poesia! Foi a solução que eu encontrei, muito ao estilo da negativa título do livro do Rúbem Alves “Ostra feliz não faz pérola”. Os textos escritos funcionaram como uma espécie de diário poético que me ajudou a atravessar aquele ano difícil mas, perolado.

Os textos estão povoados por breves comentários, a maioria, escritos neste ano de 2021 na cidade de Juiz de Fora, onde tenho residência atualmente. Este é um segundo diário que, tenta jogar uma luz, anos depois, sobre o primeiro.

A física é uma ciência poderosíssima em termos de possibilidade de conhecimento do mundo que nos cerca e de transformação social. É a mãe das ditas "hard sciences". Como não ficar maravilhado com gigantes da envergadura de Kepler, Galileu, Newton e Einstein? Mas um curso de exatas, para mim, foi uma experiência muito dura. Por quê fiz, então, um curso de exatas?

Vim a descobrir o motivo da escolha só recentemente, lendo um mapa astral, desses que você compra da internet. Acontece que o destino, inexorável, me fez nascer sob o signo de Escorpião e sob o ascendente de Capricórnio. Ambos, o aracnídeo e a cabra montesa, são caminhantes de sendas difíceis, escapardas e pedregosas. “Cuidado para não ficar viciado em coisas difíceis” vaticinava o oráculo astral que estava contido num frio banco de dados de um site da web. Eu, que tinha sido religioso grande parte da minha vida, nunca li nos livros sagrados uma frase que me proporcionou um alto conhecimento tão grande como este.

Hoje considero que, escolhi o que escolhi pois era o mais difícil para mim, e eu precisava provar com isto alguma coisa para alguém que eu não sei bem quem é até hoje. Mas um aluno, de quem me tornei amigo, me disse uma vez, “você é um daqueles caras que, se fosse correr uma maratona, faria um corte na perna pois você tem na dor um estímulo e uma aliada”. De fato, eu flertava com a dor. Quanto mais intensa, mais energia cinética, para pegarmos um termo da física. E mais do que flertar com a dor, eu encenava meu próprio espetáculo. Outro amigo me disse certa vez, “você é o ser trágico, sofredor por um lado, mas um herói mitológico por outro, de uma peça que você cria, produz e encena e você se enfurece com as pessoas que percebem isto e tentam tirá-lo deste lugar, deste triste papel”. Acontece que o papel é triste, mas é um papel ou seja, é dotado de um sentido existencial.

Hoje dou palavras belas às minhas dores e contradições, processo que começou em 2016. Depois de encontrar minha voz interna, a solidão já é uma coisa suportável. Afinal de contas, antes de sermos boa companhia para os outros, temos de ser boa companhia para nós mesmos. Na vida profissional, uma mudança. Procurei uma segunda formação em filosofia e tento, agora, cozinhar num louco rocambole, ciência, filosofia e literatura.

Henrique Selani Silva



|  
**O que fazer?**  
**06/02/16**

*Este primeiro poema é fruto de uma febre de Zika. É o pingo de um carnaval não vivido. No entanto, a convalescença permitiu ver-me por dentro. Se por fora a paisagem era de festa colorida, por dentro a coisa era mais lúgubre. Era como uma árvore esquecida e distante. Como uma nuvem negra e pesada.*

*Mas há momentos em que a febre, o delírio e o desgosto com a vida abrem-nos uma janela de clarividência! E meninos, eu vi! Estava tudo lá! Plantada e amadurecida dentro de mim esta grande árvore-núvem, precha de paradoxais rebentos luminosos, posto que eram filhos de tempos de abandono e de sombras...*

*Este poema foi seu primeiro fruto-pingo. Negro e choroso devo-o confessar, mas cheio de caldo. Ele abriu em grande estilo minha temporada produtiva e chuvosa e esta árvore-nuvem cresceu por todo o ano de 2016...*



O que fazer quando a vida não tem gosto?  
Quando do teu mosto vives a tirar vinagre  
E por lugar de rosto,  
já te esbugalham olhos de bagre.

O que fazer quando a vida  
Vive a te dar porrada...  
Quando se levanta, só pra se cair da escada  
Mais uma vez.

Quando a oportunidade é perdida  
E mesmo se fossem três,  
Tu vais levando mais uma mordida  
De uma sina que não te explica nada!

O que fazer quando tu és o que fica pra trás.  
E na festa dos males  
Sempre cabe uma Zika a mais  
A te agarrar o corpo com dedos moles...

O que fazer quando a vida não te pede permissão?  
E já te enfia goela adentro mais um não,  
Sem aviso prévio,  
E teu desejo, mendigo, passa mal...

O que fazer quando a vida não tem sal?  
Quando de cinza está pintado  
O teu céu.  
E na caixa do correio o papel timbrado  
Revela...  
Aumentaram de novo o aluguel.

Xingue, chore, geme!

Acende mais uma vela  
Ao santo do leme  
Da tua caravela,  
Que nunca vem.

Ou toma a consciência  
De que neste Trem  
Chamado Vida,  
Só se embarca com a paciência  
Que não se tem...

Só te resta uma coisa.

Transformar em poesia  
A confusão e o horror  
Desta vertiginosa  
Sinestesia,  
Daqui do baixo ventre.

Cante, cante e cante...

E mesmo que rilhando os dentes  
Em mais um dos círculos do Inferno  
De Dante,

Quem sabe o nono...

Descobrirás  
Que o dom eterno  
Que tens e de que és dono,

É a capacidade imensa de continuar...





## Profissão de fé

13/02/16

*“Invejo o ourives quando escrevo...”, palavras da profissão de fé de Bilac. Este poema dele marcou-me bastante e acho que um poeta deve dizer mesmo a que veio, por que escreve. Fiz aqui, ao meu modo, a minha profissão de fé.*



Não tenho formação de poeta.  
Os versos que cuspo,  
Respeitam nenhuma métrica  
E por cima do busto  
De mármore da palavra,  
Não uso cinzel.

Escrevo como quem lavra,  
Repetidamente...

A terra do coração,  
A massa cinza da mente,  
Em busca de algum grão  
De alguma semente  
Que possa germinar.

Áh...  
É salgada demais  
A água do meu mar.

E a Vida bate com força!

Não respeita rapaz  
Não respeita moça.  
Escreve a história de todos  
Num livro de coices!  
Alguns tira antes da hora  
Com sua foice.  
Outros deixa no trem  
Da demora.  
Na espera de um dia  
Que nunca vem.

Escrevo...  
Porque a Vida  
Dói pra caralho!

E sem aviso  
Um crupiê sinistro  
Já me tira cartas do baralho,  
Que aliso para dar sorte...

Neste truco  
Preciso de um Zap.

Do outro lado  
Joga um "turco"  
Esburacado  
Que, me quer tudo  
Levar.

“Não tenho nada  
Chefe.”  
(Penso quando vejo minhas  
Cartas).

Mas olho pra ele  
Com olhos de faca  
E peço truco!

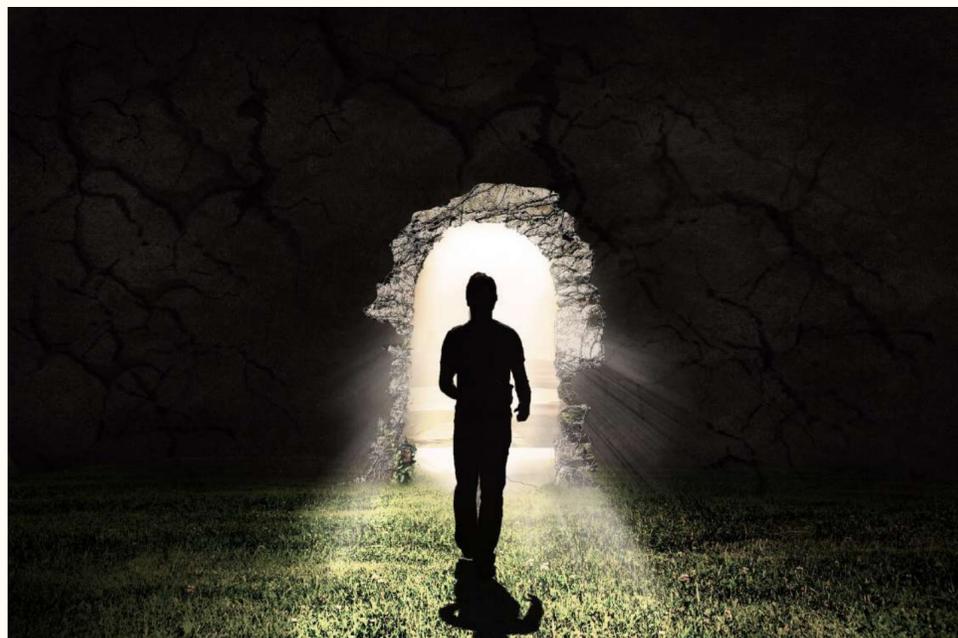
Blêfe,  
Hahaha...

Escrevo como quem blefa.  
Não vejo a poesia como tarefa,  
Mas como arte  
De enganar  
A morte,  
Que,  
Sempre vence  
No final.

Mas a poesia  
Meus irmãos,

- Seja ela qual for -  
Clandestina, marginal.

Nos alivia um pouco a dor.  
Nos retira um pouco o mal.





## Praia do Forte

18/02/16

*“Eu fui o primeiro a perceber a verdadeira antítese: o instinto degenerado que, se volta contra a vida com uma fúria vingativa subterrânea... É uma fórmula mais alta de afirmação, nascida da abundância, da superabundância, um dizer-sim sem reservas até mesmo para o sofrimento... para tudo o que é discutível e estranho na própria existência... Para compreender isto é preciso ter coragem e a condição para que ela exista: Um excedente de forças – pois precisamente tão longe quanto a coragem pode ousar adiantar-se, é o que determina a medida das forças com as quais a gente se aproxima da verdade. O discernimento, o dizer-sim à realidade é, para o forte, uma necessidade tão grande quanto a covardia e a fuga da realidade – o “ideal” – o é para o fraco, subjugado sob a inspiração da fraqueza... Os fracos tem necessidade da mentira; a mentira é uma das condições de sua conservação...” Nietzsche - O Nascimento da Tragédia, capítulo 2.*

*O “forte” e o “fraco” são termos recorrentes na filosofia nietzschiana. E porquê não encontrá-lo na praia do forte, Cabo Frio? Eis a cena deste encontro...*



Desafiando a morte  
A cada segundo,  
Cá estou a andar  
Nú,  
Na praia do Forte.

Perdido no meio do mundo.  
Abandonado pela própria sorte  
De ver realizar meu desejo:

Adormecer todos os dias  
Sob o afago dos teus beijos.

Caminho só.  
O tempo anda como eu,  
Fechado.  
E o vento castiga sem dó  
O mar que se agiganta.

Gritar já não adianta,  
Pois quem grita aqui  
É o Mundo!  
E mesmo com voz de mudo,  
Me diz:

“Não corro debaixo do teu nariz.  
Não giro para te fazer bem,  
Óh infeliz.  
Não tenho como centro  
A vontade de ninguém.  
Nem a tua, por certo.”

E no meio desta grande cena,  
Uma silhueta esguia  
Se mexe e me acena,  
Enquanto o vento assubia.

É um homem de bigode,  
Um qualquer Zaratustra.  
Nas mãos traz  
Uma máscara de Bode,  
Que ele lustra  
Com o paletó.

E no próximo instante,  
Com o couro na cara,  
Já está a me apertar a garganta  
Com os dedos em nó.  
Peço socorro  
Enquanto me agarra,  
Mas de nada adianta.

Mais uma vez  
A Natureza se dirige a mim.  
Só que agora  
Com voz de caprino:

“Me escuta, Menino...

Olha para trás.  
Repara no rastro do caminho  
Que te trouxe até aqui.

A travessia se configura  
No ato mesmo de atravessar...  
E cada pegada tua  
Deixa sua única marca,  
Só para ser  
Lavada pelo mar.

Me escuta, Jovem...

É preciso saber esquecer.  
A solidão, a saudade,  
A desgraça.  
Deixa o passado passar  
Que ele passa.  
E abra o peito  
Para um futuro de novidade.

Me escuta, homem...

Olha para as ondas do mar.  
Elas não sabem o que é teleologia.  
Não mensuram nenhuma cronologia,  
Mas continuam a dançar!  
Sempre em ressonância,  
Sem outra finalidade  
Que a própria dança.”

E Dionísio me agita...  
E Dionísio me sacode...

Quando dou por mim,  
Já estamos no pedaço  
Chamado Foguete.

E depois de apanhar  
Pra cacete,  
Minha alma que era de aço  
E de cicatrizes,  
Já se assemelha  
A esta areia que piso,  
Que a Vida  
Com um sorriso,  
Tritura...

Só, que areia fina  
Compactada,  
É mais resistente  
Que qualquer rocha dura.

O processo doloroso  
Renova, cura  
Tudo o que era doente,  
Tutano, medula e osso.

Agora, de cara nua  
Ele está a me beijar  
Enquanto a canção do mar  
Soa...  
Enquanto abre o olho a Lua  
Só para testemunhar.

Heráclito que me abraça  
Heráclito que me abençoa...

E com movimentos ternos  
Sem nenhum pudor,  
Como a criança que pede,  
Ele me veste do seu terno,  
Enquanto me despede...

Caminho de volta,  
Mas paro.

Viro a cabeça,  
Ansioso feito Orfeu,  
Para agradecer a quem mereça  
O que mereceu,  
E vejo um quadro raro.

Veloz e já distante,  
Como um astro cadente,  
Está um cavalo de cauda ardente  
Que some no horizonte...

Ando de volta.  
Carrego um brilho na alma,  
Ilesa e sem corte  
Depois de tanta luta.

E plainando na altura  
Uma gaivota se interessa  
Por uma estrela que regressa  
Absoluta,  
À praia do Forte.



**Praia do forte - Cabo Frio/RJ**

## IV

### Transfiguração

13/03/16

*“A vida do Homem oscila, como um pêndulo, entre a dor e o tédio...” - Schopenhauer - Dores do Mundo - Página 12.*

*“O samba é o pai do prazer / O samba é o filho da dor / O grande poder transformador / ... / Cantando eu mando a tristeza embora” - Caetano Veloso - Desde que o samba é samba.*

*Sem mais...*



Noite após noite  
Sem pedir licença,  
O Tédio  
- visita indesejada -  
Como serpente em bote,  
Encrava-me sua lança enregelada.  
Tortura-me por toda a madrugada.

Grito, esbravejo, digo impropérios...  
Tento chutá-lo, mandá-lo embora,  
Mas sou como criança que chora  
Quando sozinha na beira do rio,  
Não consegue espantar os abutres  
Do abate.

Agora, é o Tédio quem me bate.  
“Em seu quarto, sou eu quem faz festa”  
Ele diz como quem late  
Enquanto me coloca o dedo de cinza na testa.

Sua figura abjeta chove dentro de mim.  
Como negra nuvem de geada  
Castiga o abundante capim da esplanada,  
Assim, ele enche meu pote de vazio.

É Mestre do Fastio, é Herói do Nada.

Estuprado, estripado, juro vingança.  
E enquanto o Tédio molesta meu corpo oco,  
Triunfante qual guerreiro  
Que volta da matança,  
Sussurro ligeiro:  
“Um dia te darei o devido troco!”

O dia chega.

O ser perverso  
Já dono do pedaço,  
Colore tudo de branco baço,  
De calmaria louca.

Mas erra.

Não me amordaça a boca.

E como quem grita  
Quando vê a morte.  
Ou como quem agarra  
Numa raiz forte  
Quando se precipita,  
Declamo meu verso:

“Óh Tédio que tudo amortece!  
Maldito entre os malditos,  
Noite que não acontece!  
Escutai o que tenho dito.

É chagado o termo da tua hora!  
Bota tuas coisas pra fora.  
Bata em retirada.

Pois mesmo sozinho,  
Sou dono do meu caminho.  
Sou peregrino da minha própria estrada.  
E nada há de me parar!”

Por um instante  
O Tempo para de arar.

Agora, é a figura esquelética  
Que delira,  
Que começa a agonizar,  
Ao som da minha Lira!  
À poética  
Do meu cantar!

E dilatando o olho míope,  
O andrajoso vulto,  
Racha em pouco tempo.

Dá lugar à Musa  
Do meu culto!  
À Bela Voz  
Que preenche a nave do meu templo,  
Calíope!

Agora é Ela quem me usa.  
Me cavalga  
Me lambusa.

É Ela quem  
Emoldura o meu canto  
Com contornos de Alegria.  
E presenteia o mundo humano  
Com tudo o que eu transformo,  
Depois de ter sofrido tanto,  
Em poesia...



# V

## A física da paixão

16/03/16

*Fiquei duplamente encantado quando vi Artur Gomes, no Teatro Municipal de Cabo Frio, declamar “Sexo em Moscou do Mano Melo. Encantado com a performance dele e também com o poema, que é incrível.*

*Mano Melo brinca com termos, ideias e nomes que povoam o imaginário da esquerda, revelando uma picardia deliciosa.*

*E se eu fizesse o mesmo com a Física? Uma ciência dura, fria, objetiva e impessoal.*

*O poema abaixo foi o resultado da minha tentativa de brincar eroticamente com termos da ciência e da física, à moda de Mano Melo.*

*O poema que, foi escrito para ser declamado por uma única pessoa inicialmente, foi encenado na escola por um casal. Sugestão do professor de teatro Jiddu Saldanha, que prefacia este livro.*

*E não é que ficou, a meu ver, excelente na voz de 2 pessoas.*



[Ele] -Venha minha pequena!  
Deixa-me sujar de pecado  
O espaço curvo de tua pele morena.  
E imprimir nela o meu recado,  
Com fórmulas magistrais...

[Ela] -Chega de casos ideais  
- Estou cansada de abstrações -  
Saiba que é com atrito,  
Que o calor se alastra mais.

[Ele] -Quero colidir com teu  
Corpo de prova.

[Ela] -E eu quero construir  
Uma teoria nova!  
Sobre “A Dinâmica  
Do Tesão”.

[Ele] -Sobre as cargas  
Em tensão  
A irromperem,  
Corrente alternada  
Em teu material condutor?

[Ela] -Áh! teu corpo é um motor  
Que dança!  
Sem resistência,  
Sem impedância...

[Ele] -Que arqueja liso  
- Com os componentes em série -  
Enquanto encaixo  
Em paralelo,  
A textura de um som baixo.  
A frequência de um amarelo  
Sério, que se polarisa  
Em riso...

[Ela] -Assim, vencemos a inércia  
Da distância...

[Ele] -E quando começa o teste  
De nossos volumes em choque?  
Rápido lhe tiro a veste  
E antes que eu coloque,  
A resultante acesa  
De meu vetor na conta.  
Já vibram todas as estantes  
As bancadas e as mesas  
Deste laboratório de ponta,  
Que experimenta  
A cadeia de nossa reação!

[Ela] -E do chão do Espaço-Tempo  
Saltamos pra infinitos transcendentos,  
Enquanto você a murmurar rouco  
Vai me encravando os dentes.  
Feito louco?

[Ele] -Áh...  
Tudo é pura Metafísica  
De um doce saboroso!  
Termodinâmica quântica  
Dos deuses do deleite!  
Vai-e-vem de um movimento  
Harmonioso!  
Música das Esferas  
entoada  
por um Pitágoras Ardente,  
A embalar a Lei Universal  
Que se faz em nós atração!

[Ela] -Enquanto saboreio o gosto do teu sal...

[Os dois] -E juntos podemos sentir  
Encantados,  
A Física da Paixão.



## VI

### Chamamento da musa

04/04/16

*“Antes de mais nada eu gostaria de deixar claro aqui o meu desejo de quando um ou mais poemas deste livro forem lidos em saraus públicos ou privados, que o poema abaixo seja o primeiro a ser recitado. Escrevi-o com a intenção clara de ser um poema-para-abrir-sarais. Trata-se de uma invocação. É o chamamento, à moda contemporânea, da musa Calíope, matrona da poesia lírica, na cultura clássica grega. Mas Calíope possui várias caras, origens e ritos invocatórios; eu descobri... Ao falar da relação entre a Musa e o profissional da escrita no livro “A Guerra da Arte”, Steven Pressfield diz que “o escritor deve eliminar o caos de seu mundo, a fim de bani-lo da mente”.*

*Segundo o autor, o ambiente em que se escreve deve estar limpo e organizado. A assepsia do aposento onde o profissional trabalha é essencial para que a Musa, quando entrar, não suje as vestes alvas e vaporosas. Afinal de contas, a Musa é uma figura cheia de caprichos e de humor volátil. Ao menor sinal de desleixo ante sua presença, num bater de asas ela desaparece. O escritor-profissional Steven Pressfield, este homem que constrói um locus higiênico para a Musa entrar, como que vinda de fora, o faz porque sabe que a Musa vem de dentro de nós!*

*Ele dirá certamente: “É que a imagem da Musa entrando em minha casa é uma metáfora. Não a tome ao pé da letra. Que a Musa venha de dentro, não resta dúvidas. O meu rito de limpar, de organizar, de higienizar a casa de fora, se reflete na casa de dentro. Isto permitirá, Musa, aparecer e transitar por todos os aposentos que me constituem o intelecto.”*

*E assim o autor americano, que escreveu grandes obras, entre elas “Portões de Fogo” erra, ao meu ver, não em nos relatar seu rito invocatório, mas em estabelecê-lo como O Rito, sob a égide de “Um Profissional Busca a Ordem”.*

*Calíope tem muitos rostos e muitos ritos. Assim também o são os escritores; diversos. Eu mesmo não sou um escritor-profissional, mais um acontecimento-poeta. A poesia, em 2016, aconteceu-me, e eu, a escrevi.*

*Quem escreve, debaixo de que status for, acaba construindo seu rito, sua relação própria e particular com a musa. Há quem só escreva de madrugada. Quem só escreva de dia. Há quem só escreva em casa, quem só escreva na rua. Quem acenda uma vela para escrever. Há quem só escreva deitado, sentado, ou mesmo em pé, andando de um lado para o outro. Há quem só escreva em viagens ou ao final de caminhadas. Em fim, os ritos vão ao infinito.*

*“É preciso um pouco de caos, para se parir uma estrela dançarina”, assim nos falou Zaratustra. Sob a égide do caos e não da ordem, escrevi os poemas deste livro. Calíope, a minha Calíope, visitou-me num sertão agreste, inóspito e desolado. Como semente, ela enraizou-me a inspiração poética aqui convertida nos poemas que apresento, justamente pelo fato de meu intelecto, no caos de 2016, ter sido como uma terra de ph ácido. O leitor encontrará muita acidez nestas páginas, até mesmo amargura. Mas também encontrará doçura e beleza. Esse é o milagre alquímico da arte! O de transformar as coisas. O de colorir as coisas. O invocador da musa apresentado no poema a seguir, não é o politicamente correto. Embora seus meios possam ser truculentos e mesmo obsessivos, seus fins são os da mais alta nobreza. Que o leitor possa ser instigado a investigar-se e a produzir sua própria relação de vivência com a sua musa!*

*Amém!*



Musa!

É chegada a hora  
De abrir os trabalhos!

Já temperei minha palavra  
Com teu sal e com teu alho.  
Não fique envergonhada,  
Venha sem demora.

Lambusa  
com teu pó de fada,  
A gente deste edifício.  
Vem Musa, vem!  
Não se faça de difícil.  
Pega logo este trem  
De delírio que tem  
Na alma, estação.

Com tua inspiração,  
Construímos cais no rio,  
Oasis no deserto...  
Sonhamos uma noite de verão,  
Mesmo quando faz frio  
E é inverno.

Somos abandonados  
Nas Portas do Inferno.  
Perdidos na Teia  
de linhas tortas  
Da Vida.

Mas tua Bela Voz é alameda!  
É insulina que corre na veia.

Tua Alquimia  
É lava que inflama o sangue,  
Soro novo a regar o mangue  
Subterrâneo da Alma!

Por isso,  
Faço muita coisa.  
Assumo qualquer compromisso  
Pra te chamar a atenção.  
Escrevo teu chamamento  
Mil vezes na lousa,  
Só pra te fazer virar a frente.

Vivo a beber o caldo gorduroso da tua fonte.  
A desenhar teu pentagrama no chão!  
A cozinhar as poções  
Grossas dos teus profetas,  
Em insones calderões!

Assim, sem parar afio o talho  
E ferramenta de minha meta,  
A palavra!

Musa!  
Não adianta fugir,  
Eu sou um louco  
A correr atrás de ti...

Sou bandido,  
Tarado,  
Perdido,  
Achado,  
Calejado da vida.  
Viciado em ti.

Musa,  
Você está fudida!  
Com muito paciência,  
Destilei gotas de tua essência  
Em minha pedra fundida.  
Agora, sou dono de tua ciência.

Já te cerquei  
Te cortei as asas!  
Andromicamente,  
Te acorrentei em águas rasas.  
A maré muda conforme a Lei,  
Querida!

Tatuei teu nome  
De cor florecente  
Na ponta da língua!  
Paguei teu preço.  
Passei mal no começo,  
Nasceu íngua!

Tu o sabes...

Mas é pra te adorar  
que eu tanto malho.  
É pra te edificar um Altar  
De carne nos corações,  
Que eu ralo e me ralo...

Agora, dá-me o que te peço.

Prepara-me de alimento  
À alma que míngua.

Faça-me de porta-vóz,  
Da Esperança.

Ensine-me a desatar os nós.  
A ser reconciliador de nós.

A rastrear os brinquedos  
Perdidos de criança.

A ler toda palavra não lida.

A cantar o Milagre  
Absurdo que é a Vida!

Não deixe mais na espera,  
Esta gente  
Judiada da lida.

Planta nesta Terra  
Tua semente.  
Ajuda o moço a olhar pra frente,  
E teça um colar no pescoço  
Da menina!

Áh! Teu Universo me fascina!  
E já começo a sentir Alegria,

A Musa já chegou do fim do Mundo!  
A Festa vai começar!  
Respire fundo  
Estique os braços para o ar,  
Que daqui para frente,  
Público presente,  
Tudo será Magia!



## VII

### Perdido de volta

10/04/16

*Áh! Como é bom, quando se está no meio de um processo criativo, convidar a contigência da vida para sentar-se ao seu lado e te fazer companhia na viagem. Eu entendo Sartre, porque ele escrevia em cafés!*

*A história deste poema começa com um encontro casual e irrepetível, entre um livro inusitado e uma pessoa.*

*“Perdido de Volta”.*

*Um livro de capa preta e de borda laranja fluorescente.*

*Perigo!*

*O li uma vez para não ler mais, de tão forte que foi a experiência.*

*A orelha falava de um escritor luso-sueco que tinha abandonado a Europa e agora viva a lecionar na África. Estranho movimento pois, muita gente ao imigrar tem o velho continente como destino e ele, fez justamente o oposto, saiu de lá.*

*Saiu da regularidade de lá, do conforto moderno, da verdade cristã, da pontualidade inglesa, do princípio da não contradição grega, da Imobilidade do Ser de Parmênides, fundador da identidade europeia.*

*E o leitor logo se depara com uma cena emblemática em que um personagem (um escritor) é arrastado sem destino (será?) por um sistema de transporte local não legalizado e caótico.*

*Miguel Gulander, o autor de Perdido de Volta, produz um canto de sereia, à moda da Odisseia. Pois consegue como poucos, misturar estados de alucinação e de clarividência. De perigo fatal e de beleza sublime...*

*"We're only at home when we're on the run - Rush - Dreamline".*



A vida é como uma carrinha  
De transporte coletivo,  
Clandestina e lotada,  
A correr alucinada  
Por entre picos altivos,  
Por alamedas esburacadas  
Rente a precipícios gulosos.

No letreiro traz o nome  
“Perdido de Volta”.  
Ela não tem hora de passar no ponto,  
Te pega no caminho e some,  
Pronto!

Sobe perigosamente as ravinas.  
Velozmente acompanha o voo  
Das aves de rapina.  
E nas alturas,  
Deita poeira nos altares  
De deuses esquecidos...

Ora passageiro,  
Que mal tem te perseguido?  
Ninguém se preocupa com teu enjoo  
Mas te fodem se vomitares.

Aguenta firme portanto  
As auguras da viagem!  
Não era a Vida que tu  
Querias tanto?  
Então tome-a!

Mas, não se preocupe...

O motorista  
É um negro albino.  
-A antítese de si mesmo-  
E ainda mamado de grogue.

Metido a artista,  
Canta sem parar  
Ao som de um Kuduro  
Estalado no último pino.  
Na carteira não traz telefone  
de reboque.

A lataria é velha.  
Os pneus,  
caprichosamente carecas.  
Os freios  
Gastaram-se a 13 bilhões de anos  
Pelos caminhos tortos.

Atrás seguem rabecas  
A cortarem os panos  
Recolhendo os mortos.

Destinando os defuntos  
Para o trânsito  
De aeroportos  
Fantasmas que,  
Sem descanso  
Despacham aviões etéreos,  
Para outras dimensões...

(Uma única coisa é certa:  
Um dia, preparado ou não,  
Pegarás este avião...)

Cada dimensão é também um carrinho  
Irremediavelmente perdido.

Afogado pelo lendário Maelstron  
Cuspidor de almas.

Centrifugado pelo grande Torvelinho  
Maldito.

Embalado pela Dançarina  
De mil braços...

E tu,  
És para sempre  
Passageiro em trânsito  
Conduzido de mão em mão,  
De carrinha em carrinha.  
Maravilhosamente enjoado.  
Maravilhosamente perdido,  
Nesta Universal confusão.

Mas não se preocupe,  
Não viajas sozinho...

Na carrinha entram todos:  
Valentes, covardes  
Videntes, compadres  
Crentes, ateus...

Uns viajam de peito aberto,  
De boca arreganhada.  
Com mãos pra fora da janela  
Roubam as frutas que passam perto  
Da carrinha, na estrada.  
Lhas metem na guelha  
Faminta,  
Pois não sabem em que viela  
Seca, a carrinha há de se meter.

Nenhum passageiro  
Traz comida pra comer...

Outros se fingem de faquir.  
Se anunciam portadores da “Verdade  
Imóvel” que precede o partir  
De todos os viajantes.  
“A Verdade alimenta”  
Dizem e o motorista ri,  
Tirando as mãos do volante.

A carrinha sacode violentamente...

“Não existe Verdade  
Seus tolos  
Pregadores da imobilidade!

Pois nenhum tijolo  
Da cidade  
Da existência  
É o mesmo tijolo!

Tudo é matéria em transito  
Intenso.

Se não percebes isto  
És bobo!  
Mas logo te pego  
Te misturo no bolo  
E te como com ovo  
E com farinha!”

Eu já percebi o óbvio  
Óh Grande Astuto!

Já bebi a água do teu rio.

Teu fluido de bateria  
Corre-me por linfa.

E por baixo de mim,  
Geme e chora a ninfa  
Palavras de sabedoria.

Esta é agora  
A minha verdade móvel!

Tatuei a Carrinha  
“Perdido de Volta”  
No antebraço.

Mas se pudesse  
Tatuava mesmo era no baço.  
E no sangue que flui  
Pelo meu corpo.

Tatuava a marca da carrinha  
Em cada pedaço  
De mim.  
Tecido, célula,  
Molécula e átomo.

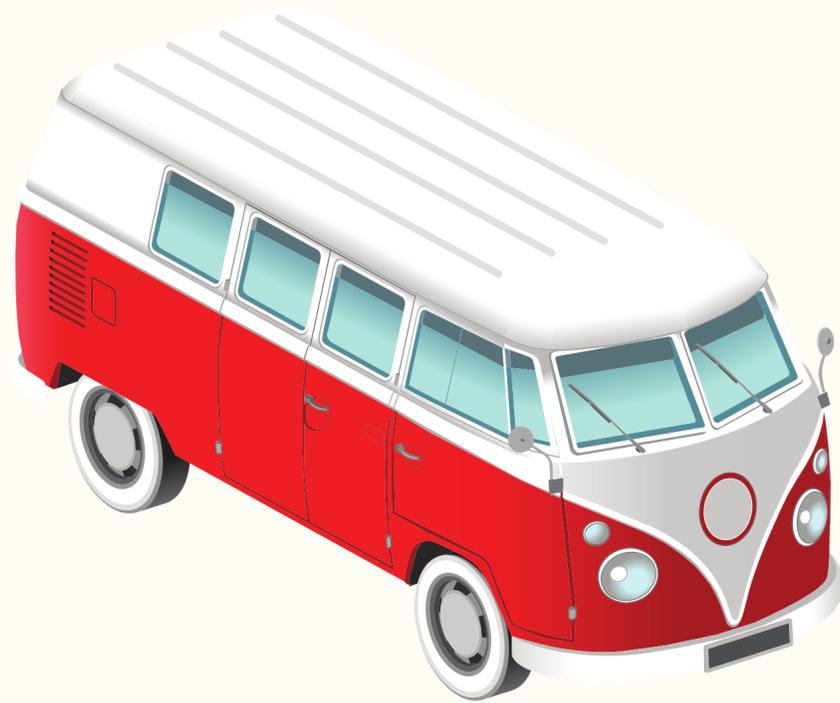
Marcava na matéria  
Que me constitui, o traço  
De nossa sina,  
E fazia dela vacina  
Para alertar a todos!

Pois nesta vida  
Quem quer se achar  
Precisa primeiro  
Se perder!

Porque somos todos passageiros  
Em trânsito...

Irremediavelmente perdidos...

Mas sempre  
Perdidos de volta!



VIII  
Religiosidade  
25/04/16

*“Vejo que você traz uma panela com comida em uma mão e uma grande colher de pau na outra. Diante de você está uma fila indiana de pessoas famintas. Você coloca a colher na panela. Retira ela cheia e dá de comer. E o processo se repete até que todos se saciam. Você tem o chamado pastoral”.*

*Estas foram as palavras que uma profetiza um dia me disse, quando eu estava em um retiro espiritual de uma igreja evangélica. Hoje eu não sigo mais a uma religião institucionalizada, mas eu já segui e por muito tempo. Toquei na banda de louvor por quase duas décadas e no meu auge religioso, fui consagrado a diácono. Fui também o tesoureiro da igreja e braço direito do pastor local.*

*Daí veio o meu chamado, minha suposta vocação pastoral...*

*Mas, por vários motivos e ao final de um processo lento, mas inexorável, eu saí da igreja.*

*Anos depois, conversava sobre o tema com um amigo muito querido, também professor, Bruno José Pereira. Ele me disse estas sábias palavras:*

*“A verdade tem o estatuto de coisa acabada, suficiente e absoluta. Não temos de viver em busca de verdade, mas de sentido. Sentido que expanda nossa narrativa pessoal. A verdade é externa. Ela luta com outras verdades e as reduz em mentiras! Ela quer se estabelecer como absoluto. O sentido é diferente. Ele nasce de você, leva sua anatomia em consideração!”*

*Virar pastor seria servir a uma Verdade pronta, acabada e exterior a mim! Eu Não iria aguentar este peso.*

*Mas e a visão da profetiza?*

*Penso que, de certa maneira, ela se realizou!*

*Tornar-me professor de filosofia é também estar na posição de alimentar o outro. Mas agora, não quero ser o Demiurgo (artífice) de ninguém! Quero que cada um, seja Demiurgo de si mesmo! Ser professor de filosofia não é dar a Verdade pronta mas, é incentivar o outro a achar sua própria verdade e sentido pessoal.*

*“Conhece-te a ti mesmo” e “torna-te quem tu és”. Estes são meus princípios ao ensinar. Minha panela e colher de pau...*



Não tenho religião.  
Mas procuro por todos o meios  
Cultivar uma vida de religiosidade.  
Como?  
Você pode perguntar.  
Eu respondo:  
Observando as coisas!

Religião é matéria de pensamento.  
Religiosidade tá na massa cinza  
Que, no escuro da cabeça,  
Produz todo o pensamento.

Religião é coisa de discurso  
Que se diz.  
Religiosidade vem antes.  
Tá na ponta do nariz  
Que inspira ar,  
Matéria prima de todo discurso.

Cérebro, nariz, pulmão, boca...  
São todos Santos!

Cada célula do nosso corpo  
Transborda religiosidade!

As células não pensam  
As células não falam.  
As células não sabem  
Que são células.

Ninguém se lembra delas.  
Mas mesmo assim, elas  
Trabalham sem descanso,  
Sem nada cobrar.

Se religião é coisa de quem  
pensa e de quem fala,  
Não possuem religião  
A estrela, a árvore e o rio.

Mas estrela, árvore e rio  
Estão aqui muito antes  
De quem pense  
E de quem fale.

Mesmo sem religião,  
A estrela briha,  
A árvore dá fruto  
E o rio desedenta.  
Sem nada cobrarem...

Estranho paradoxo.

As coisas inanimadas  
Que nem mesmo se sabem  
Como coisas,  
Possuem mais religiosidade  
Do que nós,  
Pensadores e falastrões que somos.



# IX

## Debatei, jovem, debatei

28/04/16

*O professor Bruno Pereira (que apresentei no comentário passado) e eu trabalhamos juntos no IF de Cabo Frio. Juntos, criamos um espaço extracurricular de educação, o Clube de Debates Regrados (C.D.D). Quem quiser ver um pouco do trabalho que foi feito, pode visitar o seguinte canal do YouTube:*

*<https://www.youtube.com/channel/UCTg98-zp6r-hANck9FvFVvA>*

*O poema abaixo foi feito sob a inspiração das atividades do Clube. Iríamos debater no Campus Centro, em Campos dos Goytacazes, a maior unidade do IF FLUMINENSE. Escrevi o poema na véspera e declamei-o na ocasião, abrindo assim aquele debate.*



Jovem

Quer combate!

Quer transformar

A realidade

De onde vem,

- Decadente -

Quer levantar o dedo médio

A todo preconceito.

Quer a liberdade como remédio

Estampada no peito.

Quer assediar o próprio assédio

Com um crime perfeito.

Quer construir um novo prédio

A quem perdeu todo o direito.

Quer dar um tapa na cara do tédio

Em uma cidade onde ele é o prefeito.

Quer trazer no canto

O sofrimento indigente,

De toda a gente

Esquecida pelos cantos.

De todo amor fervente,

Perdido pelos canos

E ralos desta cidade suja,

Que não se limpa

Com o passar dos anos...

Jovem é assim!

Traz a imagem da luta,

Tatuada cinza choque

Na massa da mente.

Traz revolução a reboque,

No sangue a lhe fluir quente!

Portanto,

Debata jovem, debata-se!

Que a mudança do mundo  
Se conquista é mesmo  
Com choque, com luta  
Com sangue e com mente!

Que se lhe dê a bata  
De orador,  
Depressa!

Mas, se demorarem,  
Roube-a!

Roube à força,  
O Caduceu  
Que deus te deu.

Diga:  
“O poder da Palavra  
É meu”!

Faça diferença!

E leve contigo  
Por onde andares,  
O Fogo sagrado e leve  
De Prometeu!



# X

## Desejo de realidade

30/04/16

*Este poema foi inspirado por um artigo homônimo do educador espanhol Jorge Larrosa. Li-o em uma disciplina isolada de mestrado. A disciplina tratava da interface Cinema/Educação. Nela discutimos o conceito da “realidade” que é representado nos filmes. A maioria (sobretudo o cinema estadunidense) apresenta a realidade sob o signo da “imagem-movimento”, um conceito de Gilles Deleuze. A narrativa é frenética, cheia de cortes e de adrenalina. A tensão é esticada ao limite e pelo máximo de tempo possível. Muita coisa acontece e nos deixa extasiados.*

*Na contramão disto, tem-se a “imagem-tempo”. Ela é trabalhada geralmente em filmes chamados “alternativos” ou “cult” que, não estamos acostumados a ver pois não fomos educados à realidade que eles apresentam. Esta é mais lenta. Arrastada. Mas dá tempo justamente para que o real, no sentido forte da palavra, com toda sua estranheza, apareça.*



Quando criança,  
Eras livre em uma realidade  
Cheia de realidade.  
Em uma vida, viva  
De aventuras e de andanças.

Mas bem vindo agora  
Ao mundo oficial e adulto.

O lúdico, jogue fora.  
Não precisará mais dele...  
Encha as mãos de verdades,  
De regras e de cultos.

Sim, de cultos!

Cultue o dinheiro.  
Todos brigam por ele!

Cultue o poder.  
Todos gostam de mandar!

Cultue o conceito.  
Todos gostam de saber!

Cultue o ter.  
Todos são possuídos por suas posses,  
O grande deus!

E assim, a cultura  
Que o ocidente escolheu,  
Embalsama a vida  
Porque lhe dá regras  
E objetivos.

Desrealiza o real,  
Porque o nomeia  
O define e o escrutina...

Todos percebem,  
Mas ninguém parece  
Passar mal...

Mas todos temos  
- Bem gravado  
No fundo da retina -  
O choro do real.

O real é mistério.

Nosso pecado original,  
Foi tentar dar  
Solução a ele,  
e ele  
Se foi...  
Esvaziou-se.

Sua voz muda  
No entanto, permanece...

Ela sussurra  
Desejosa de se relacionar  
Conosco,  
Como foi na Aurora  
Da cultura,  
Denovo de maneira viçosa,  
Forte e vigorosa.

“Escutái-me tortos!”

A arte pode sim  
Ressuscitar os mortos!  
Trazer o que já se foi...

O cinema  
- A arte do olhar -  
É um salto de vara.

Com ele saltamos  
Para além de nós,  
coisa rara.

A imagem trabalhada  
Pelo cineasta,  
Desconstrói  
Lugares comuns

No começo isso dói.  
Mas a recompensa  
É poder ver o mundo  
De um outro ponto  
De vista.

- O ponto de vista do Outro -

Para falar a verdade.  
O cinema ressuscita  
Nosso desejo perdido  
De alteridade.

A literatura  
- A arte da palavra -  
É um brinquedo ludo,  
A abrir portais  
Que nos oferecem tudo!

O Graal que embotamos...  
O real, do real perdido...

Nas noites frias  
Eras embalado  
Por cobertas  
E por histórias...

Lembra como eras feliz,  
Como sorrias tanto!  
Quando a noite era atriz  
E palco,  
De momentos de alegria  
E de espanto!

E a mão hábil  
Do escritor  
Te conduzia  
Por estranhas  
Terras de Magia  
E de assombros...

Ah escritor!  
És criador  
De encontros  
Inusitados e diferentes  
Que preenchem  
A vida da gente!

A filosofia  
- A arte do pensar –  
É a queda de um cadafalço.

É preciso dar morte  
Ao real fabricado e insoço.

É preciso dar morte  
Ao si-mesmo  
fabricado e insoço.

Na te detenhas,  
Meu irmão!  
Puxa a corda  
Quebra o pescoço!

Só através desta  
Morte abençoada,  
Viverás a vida  
No mundo da vida;  
Sem cortes!

O filósofo  
Adora morrer.

O filósofo  
Nos ensina a morrer.

A morrer para o óbvio.

A morrer para  
O que está posto  
Hegemonicamente.

A morrer para ver denovo.

A Morrer para falar  
Do que viu no mundo  
Dos mortos.

A morrer para voltar  
A pensar.

Somos seres  
Cheios de desejo!

Nos dizem  
O cineasta, o literato  
E o filósofo.

Só pegamos  
Um caminho errado  
Por engano...

Que a arte nos reedueque  
E nos ensine  
A trocar;

O desejo de razão  
Pelo desejo de vida.

O desejo de explicação  
Pelo desejo de experiência.

O desejo de verdade  
Pelo desejo de alteridade.

O desejo de crítica  
Pelo desejo de encontro.

O desejo de intenção  
Pelo desejo de atenção.

O desejo de representação  
Pelo desejo de presença.

O desejo de lógica  
Pelo desejo de surpresa.

Assim,  
O real nos  
Retornará...



# XI

## Diva

03/05/16

*Kéren-Hapuk Andrav.*

*Um nome diferente e fascinante para uma pessoa muito especial. Do hebraico “Queren Hapuque” significa “olhos que brilham”. Me faz lembrar de Atena, a inteligente deusa grega dos olhos dardejantes, patrona das artes de ofício. Talentosíssima, Kéren era uma das melhores atrizes do teatro municipal de Cabo Frio, onde a conheci. Ela estrelava o espetáculo “O Inspetor Geral” de Nikolai Gogol, na pele de Ana Andréievna, a ambiciosa esposa do prefeito.*

*Kéren fez muitos outros trabalhos teatrais, e, a algum tempo também abraçou a carreira musical. Em 2021, ela está lançando seu primeiro trabalho autoral. “Imensidão”, que conta com todas as músicas compostas, arranjadas e interpretadas por ela, de uma maneira muito original.*

*O poema que segue é a ela dedicado...*



Miuda enigmática...

De olhos de fogo e aura magnética.  
Dona de molhos de chaves  
Que abrem portas e andares  
Pra mundos onde tudo é cinética,  
Magia, eletricidade estática.

Diva...

Deixa minhas papilas degustarem teus sabor.  
Deixa meu olfato se inebriar com teus odor.  
E com facão teso, desbravar este teu corpo selvagem.  
Com a esperança de no final da jornada, colher a doce flor  
de tua loucura e delírio.

Deixa eu mergulhar em teu caudaloso rio  
De águas escuras que, por meio das ramagens  
É caminho de aventuras e de viagens  
Deslumbrantes.

Diva...

Abre-me este teu terceiro olho,  
Aquele que já abristes antes  
Tantas vezes nas festas de Baco.  
Vamos, não tenha pudores  
Para comigo, que os horrores  
A vida não nega à ninguém.

Vem!

Vamos dançar à distorção de Jimi Hendrix.  
Vamos voar juntos nas asas da Fênix,  
Descobrir como renascer outra vez,  
Transformar nossas rugas denovo em tez.

E quando olhar a tua alma transparente,  
Portal prum Deserto de Mil Dunas  
Onde a serpente  
Não passa.  
Pruma Praia de Mil Ondas  
Onde o encantamento não passa.  
Vou desejar com todas as forças...

Diva, viva para sempre!



## XII

### Solidão

03/05/16

*A solidão incomoda. Mas ela também pode fazer frutificar. Desconheço objeto mais solitário do que um papel em branco. Tão pouco conheço objeto mais dotado de potência! Desejoso de encontro, o papel em branco é sempre um convite. É um convite a algo que nem sempre está dado de antemão. O solitário papel em branco é o lugar da novidade! É o panificador da mente e de vezes até então inauditas e fumegantes que crescem e ganham corpo em nós.*

*A paradoxal solidão do papel em branco, com sua carência e com suas potencialidades, deu voz à minha solidão em 2016. Ele sussurrou meu nome. Cantou-me feito sereia e eu, encantado, me dei e. através dele, contei-me...*

*O papel em branco é, ao mesmo tempo, um deserto e uma cama, onde as palavras fazem flores e amores com o impossível! Do encontro, nascem coisas que vão além de palavras num papel. Compartilha-se, neste milagre, experiências de sentido!*

*“A tristeza é senhora / Desde que o samba é samba é assim / ... / A noite, a chuva que cai lá fora / Solidão apavora / Tudo demorando em ser tão ruim / Mas alguma coisa acontece...” - Caetano Veloso - Desde que o samba é samba.*



Solidão...

Sólido grão  
A enraizar-me  
No peito vão.

Desde que Adão  
Inventou a humanidade,  
Nunca reinaste tão  
Soberana como agora,  
Na modernidade  
Insana.

Áh, solidão.

Pão dormido,  
Que como  
Na padaria.

Leite azedo,  
Que bebo  
Todo dia.

Saudade quente,  
Da tua carne  
Agora fria.

Fazes de mim  
Filho orfão  
De pai José  
E de mãe Maria.

Solidão imensa,  
Esmagadora...

Impossível milagre  
De abraçar algo  
Que não existe.

Amanhecer alegre,  
Do sono que faz esquecer...  
Mas logo entardecer,  
De uma noite triste.

Noite embotada  
Em que a ave  
Da madrugada  
Canta sozinha,  
Cheia de espanto.

E depois de ter  
Cantado,  
Cantado tanto,  
Ninguém veio  
Visitá-la.

Amargurada,  
Recolhe-se,  
Em seu ninho  
Caiado,  
No meio  
Do caminho  
De nada.

“Também estais  
Surda à canção,  
Gente deficiente,  
Desensibilizada?”

Áh, solidão!

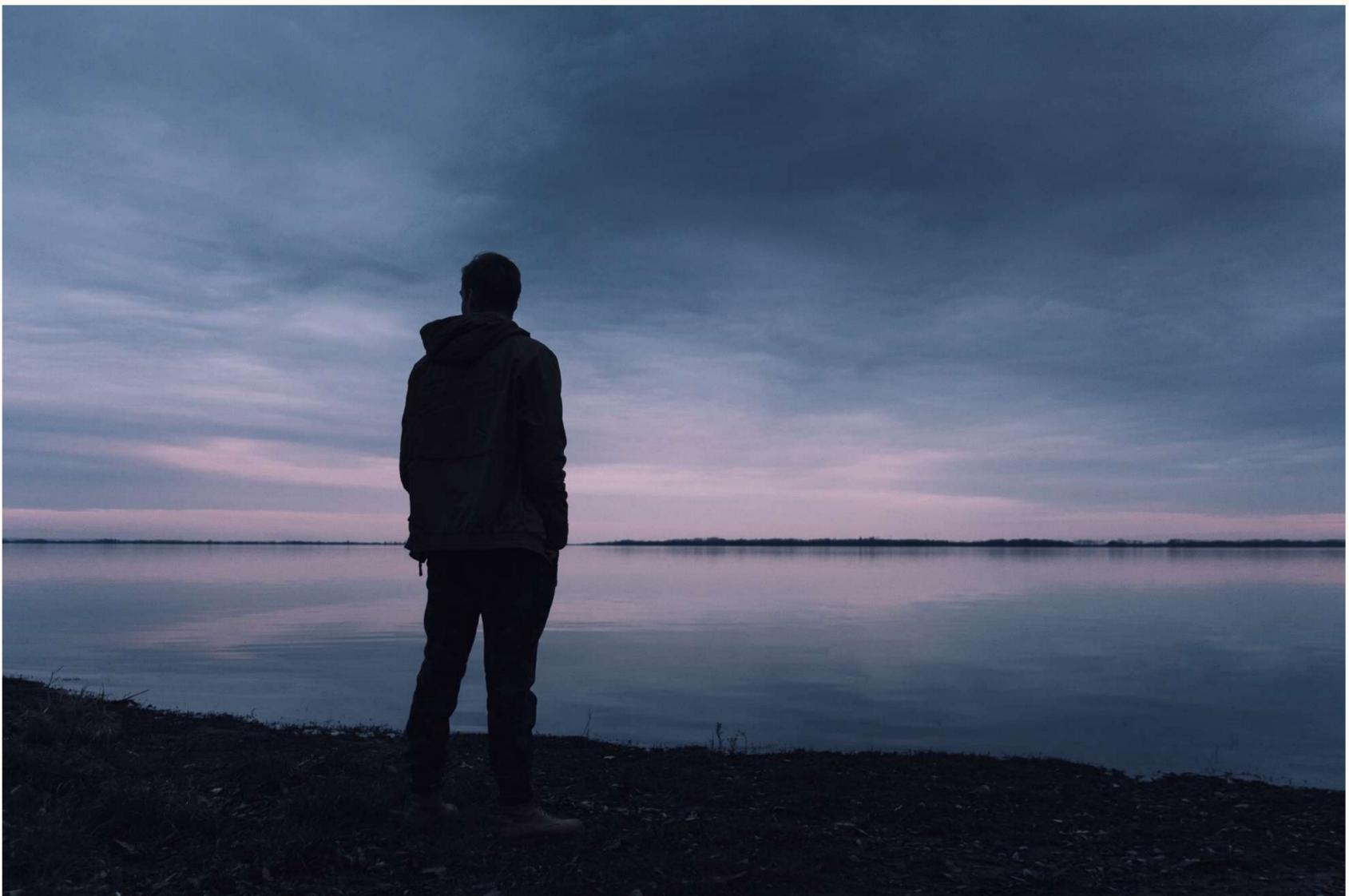
O que farei de ti?  
O que farás de mim?

Se não tirá-la da mente,  
Como um samurai no tatame,  
Hás de matar-me  
Vagarosamente...

Por isso, joga  
Pra fora  
Minha dor,  
Que agora,  
Machuca o papel  
Em branco.

A pena o fere,  
Trêmula  
De amor.

Enquanto eu,  
Sentado no banco,  
Escrevo  
A promover  
O encontro fecundo,  
Do espaço vazio  
Com a palavra!



# XIII

## Uma história sobre mistério prosa (18/07/2016)

*“Paradoxalmente, eu acredito no Mistério”, me disse uma vez o já referido Bruno Pereira. Esta crença é paradoxal na medida em que ela não admite explicações. “Explicar o Mistério é transformá-lo em fenômeno. É manipulá-lo e dessacralizá-lo, portanto”, continuou ele. “Mas como é acreditar em algo que não se explica e que não é conhecido?”, perguntei atônito. “Cara, é como dormir numa cama de campanha. Você consegue descansar, mas sem conforto...”.*

*Eu sempre fui ligado às questões existenciais. “Quem sou eu, realmente?”, “o que estou fazendo neste planeta?”, “qual é o propósito da minha vida?”. Ante às palavras do Bruno, ressoou na minha mente o dizer de Nietzsche segundo o qual o conforto existencial seria perigoso.*

*Um Deus pessoal, domesticado, customizado ao gosto do freguês e que promete o paraíso aos fiéis é muito confortável, de fato. Mas esta ideia me cheira a fake. A uma construção inventada pelo homem que necessita psicologicamente de permanência no tempo e de conforto. Precisamos deste Deus manipulável.*

*O Mistério é diferente. Pro bem e pro mal ele é selvagem. A virgem não era Virgem. O é o Mistério.*

*O Bruno inventou o bojo da história narrada abaixo. O acabamento é meu.*



Em uma noite de chuva e trovoadas, um pai estava sentado no sofá, absorto com a leitura de um livro. Ao sentir a barra da calça sendo puxada se depara com o filho, uma criança de nove anos que está a lhe abraçar a perna.

- O que foi? Pergunta o pai atencioso.

- Estou com medo dos trovões. Apavoram-me os clarões e o barulho. Porque as tempestades existem e porque elas nos assustam tanto, pai?

- Meu filho, se você fizer perguntas sobre “o porquê” das coisas a pessoas diferentes, obterá respostas diferentes. Sente-se aqui, vou lhe contar uma história. Esta será a minha resposta a você. O menino sentou-se atento para ouvir o que o pai tinha a lhe dizer.

“Há muito tempo, dois homens primitivos estavam confinados em uma clareira na floresta. Era noite como agora. Embora não chovesse, fazia muito frio. Em busca de luz e de calor eles acenderam uma fogueira. As chamas iluminavam um círculo ao redor deles, fazendo dançar copas de árvores massudas e antigas. Para além das árvores não se via nada. Enquanto conversavam entre si, percebiam perifericamente coisas na escuridão! Olhos de todas as formas, de todas as cores pareciam espiá-los. Sussurros comunicavam segredos já esquecidos e silhuetas agitavam-se nas trevas. Mas quando eles focavam o olhar e a audição na mata, nada viam, nada ouviam, nada testemunhavam. Eles voltavam a conversar e o fenômeno se repetia. Um deles estava dominado pelo medo, enquanto o outro pela curiosidade. – Vamos ver o que tem para além da luz! Disse o curioso, mas o companheiro vacilava. Então ele pegou um pedaço de madeira, colocou-o na fogueira e fez uma tocha. – Vamos, não há o que temer, a luz nos acompanhará!”

- E eles foram? Perguntou ao pai, a criança de olhos atentos, já cativada pela narrativa.

- Foram!

- E o que aconteceu? Perguntou irrequieto.

- Quando entraram na floresta, a tocha apagou-se meu filho...

- Apagou-se? Como assim? Acabou a história?

- Sim.

- Mas pai, qual é a moral desta história?

- Isto é uma coisa que cabe a você dizer, com o passar dos anos! Agora, volta pra cama.

O menino obedeceu.

# XIV

## Polissemia amorosa Ou a gata do canal (12/08/2016)

*A Região dos Lagos no estado do Rio é muito frequentada pelos argentinos. Todos sabem disto. O bairro do Portinho, em Cabo Frio, é muito charmoso. Todos sabem disto também. As vielas semi-iluminadas e os barzinhos boêmios do bairro, à beira do canal, inspiram histórias de amor.*

*“Por quê não brincar com isto, usando as palavras”, pensei quando atravessava o lugar de bicicleta...*



Trago fumo extra  
Pra mais um trago.

Risco o fósforo  
Dispensando o risco.

Amasso a embalagem vazia  
Suspirando o amasso.

Só pensando na gente,  
Quando eu não era só...

Piso suave pra  
Não dar ruído ao piso.

Passo ligeira se a rua é escura,  
Apertando o passo.

Sentidos aguçados pela luz da Lua,  
Que não tenho sentido,

Canto teu nome  
Por todos os cantos...

Venha agora,  
Já abri o vinho.

Lenha pro fogo.  
Os lençóis, de linho.

Portenha caliente sou,  
Te espero, Portinho...

Assuma a hora,  
Ou suma!



## XV

### Pop império (12/08/2016)

*O selo "Camarada Garcia" produziu muitos fan-zines em 2016. Meu amigo André Garcia, era uma pessoa industriosa! A impressora do selo, carinhosamente chamada de "Dilma", não tinha descanso.*

*Ele publicou, na forma de zine, o poema que segue.*

*O André que já era escritor, publicou um livro de contos de grande envergadura (mais de 450 páginas!) agora em 2021. O LIBER IMP.*

*Na ocasião da publicação do "Pop-Império" ele disse que era o melhor produto do selo até ali, o que me encheu de orgulho.*



A arte popular  
Se reinventa  
Pro povo pular  
Com fogo na venta,  
Ao sabor do vento  
De mais um carnaval.

O Papa  
Libera o gay  
Pra papa,  
E não belisca mais  
A lésbica.

O bobo da corte  
Não sofre risco de corte.  
Não está mais num castelo,  
Nem usando chapéu amarelo.  
Está numa sala de estar,  
Assistindo novela da Globo  
Calçando tênis All-Star.

A TV  
Te vê  
De um quadro  
Na parede.  
Caixote agora,  
Só na feira.

O vídeo K7  
Apanhou pra cassete  
De um tal DVD,  
Que botou tudo  
Pra vender.  
Hoje, o Blue-Ray  
É quem é o rei  
Da definição.

Errei  
Ao achar  
Que nada mudaria.

A música era MPB.  
Agora, quando volto  
Da padaria,  
O vizinho  
Põe pra tocar alto  
Latino,  
Que já não escuto mais  
Nem meu cão latindo  
Pra me receber.

Pra morrer de medo,  
Mumm-Rá.

Pra roer as unhas,  
Noir.

Pra doer o coração,  
Pixar  
Que, ainda  
Procura Nemo  
Bolt e Wallê.

Já roubaram o gorro do anão.  
Livros, ninguém mais lê.  
Mas pra apertar botão  
Não falta dedo.

Pra jogar  
Liga o Atari.  
quem tem dinheiro.  
Liga o x-Box  
Pra sonhar.

X-burguer  
É no Bob's.  
O velho cachorro-quente  
Mandaram passear.

Meu pai  
Assistia boxe.  
Via Mohamed Ali  
Dançar.  
Meu filho  
Vê cachorro louco brigar  
No M.M.A

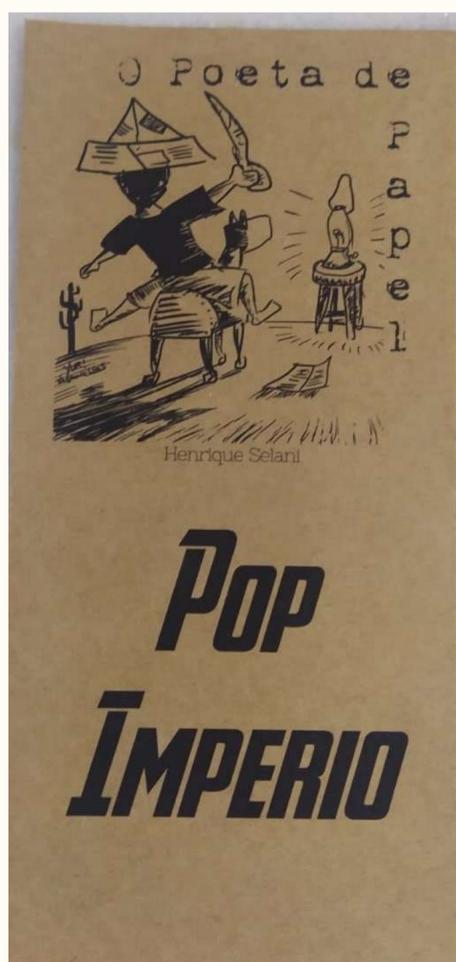
O telefone  
era analógico  
Hoje é smart  
lógico

Se a obra de arte  
vai pro leilão,  
Senão  
o patrão cobra  
a construção.

Hoje  
não precisa mais  
de boca  
pra levar  
dona Maria  
A Roma,  
Pra ela chorar mais  
Uma romaria

Hoje  
só precisa  
de tela  
e de conexão

E assim continua montado  
O cerco barato,  
A lona,  
da velha e eterna  
Política  
Do pão  
E do circo.



# XVI

## Desabafo (18/08/2016)

*Texto seguinte é inspirado pela leitura de Miguel Gullander. Sua prosa, escrita com português de Portugal, é de uma irreverência, rebeldia e de um lirismo cujo nível eu invejo um dia atingir.*

*O texto é inspirado também pelo grande best-seller de Irvin Yalom, "Quando Nietzsche Chorou". A conversa final do filósofo e do Dr Breuer em que Nietzsche finalmente chora, é de uma profundidade e de uma sensibilidade, para mim inauditas. Vale a pena a leitura!*



A Vida é a única coisa que existe.  
E ela não prometeu nada a ninguém.  
Ademais, escreve a história de todos  
No seu Grande Livro de Porradas...  
E tudo isso por puro Gozo,  
Estampado em sorrisos largos.  
Sorrisos que se escancaram  
De suas mil caras,  
Como que feitos  
A rasgos de faca.

Sua Bela Dança Mortal  
- Crazy -  
Nos monta e desmonta a todos  
Sem aviso prévio,  
Sem piedade.  
"Para o que é novo surgir,  
O velho tem que desaparecer".  
Reza o oráculo  
Da Dançarina Frenética...  
Ela é puro movimento violento  
E criativo.

Não importa se o indivíduo  
Ainda não realizou seus sonhos  
E a Vida está a lhe pisar a cabeça  
Com todo o descaso do mundo.

Não importa nada de nada!

A Dançarina não conhece Moral  
E todos os seus consortes e serviçais,  
São Senhores e Senhoras do Foda-se!

Fagulhas do Fogo se me soltam dos olhos,  
Mas sua luz não é notada por ninguém...

- Fuck You -

Transpiro minha Verdade  
Pelos poros do corpo,  
Mas seu gosto não é sentido por ninguém...

- Fuck You -

Me faltam Palavras precisas,  
Que precisam materializar-se no ar,  
Me sair das entranhas,  
Se não me sufoco delas...  
Não há tradutor.

- Fuck-off You -

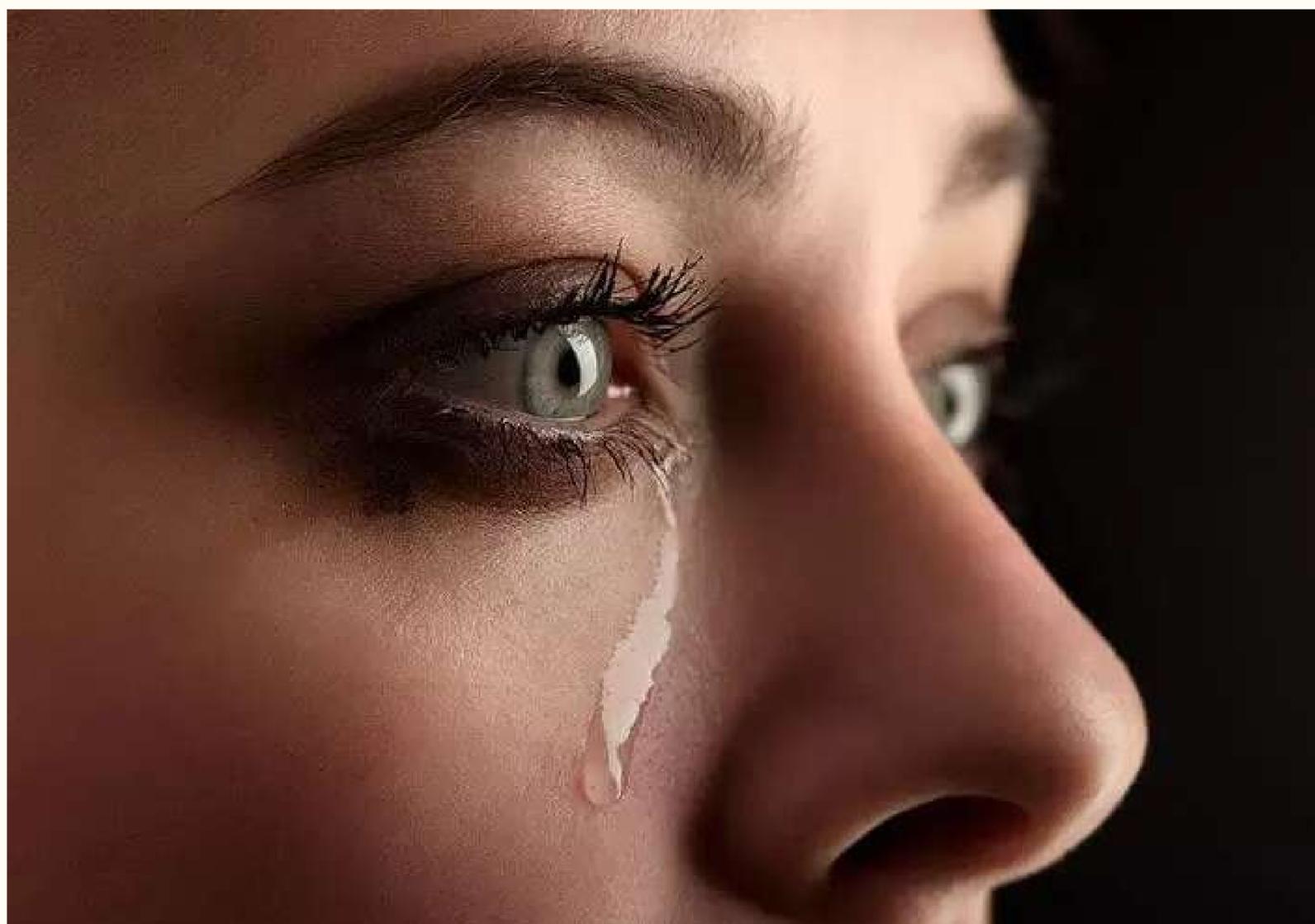
Portanto,  
Se as lágrimas cristalinas  
Do Grande Choro  
Lhe baterem às portas dos olhos,  
Não te contenhas.  
Não te envergonhes delas!  
Deixe-as ganharem a luz  
E se transformarem em Sal Perfumado  
Sobre teu rosto.

Elas vieram de muito longe,  
De muito fundo...  
Dos recantos e rincões  
Sertanejos da Alma.  
Do substrato comum  
da existência,  
Preenchido com o Líquido-Gorduroso  
Rico de seiva, sentido e significação.

O Grande Choro lava a Alma,  
Purifica!  
Se você for tocado por essa Benção,  
Não ignore, viva-a.  
Se você for agraciado com  
A presença de um ombro amigo  
Em tais horas,  
É bem aventurado do destino!  
Ganhou na Sena  
E a Roda da Fortuna lhe sorriu!

Deixe que as lágrimas profundas,  
Escorram livremente.  
Dê a elas bocas e vozes!  
Diga o que elas diriam  
A respeito de Ti.  
As lágrimas são sábias,  
São pedacinhos desgarrados  
Da tua essência...

Escuta-lhe os segredos,  
Se fortaleça destes sábios  
Sussurros  
E siga caminho,  
Mesmo que as próximas  
Milhas sejam  
De árido deserto...



# XVII

Esculápio  
(22/08/2016)

*“Napoleão é o Espírito do mundo a cavalo.”*

*“A contradição é o motor da história!”*

*“Tudo aquilo que existe, está destinado a ser negado e, portanto, a se transformar em outra coisa.”*

*“A história é dialética. A oposição atua e os diferentes aparecem como manifestação de uma identidade!”*

*“A tensão dos opostos, no jogo dialético, manifestam o real.”*

*“O presente é um presente determinado pela história. Ele está incluído num grande movimento cujo objetivo é a realização do Absoluto.”*

*“A ave de Minerva só levanta vôo ao cair da tarde.”*

*“As feridas do Espírito se fecham sem deixar cicatrizes.” – Citações de ou relacionadas a Hegel.*

*Sem mais...*



Todos os dias no canto da praça,  
O palhaço Esculápio monta  
Seu postinho de saúde da alma.

Ele trata com muita calma  
E nada cobra  
Da gente de sua raça.

Para o atendimento completo  
Seus ajudantes  
Trabalham na barraquinha.  
Áh, tudo o que ela tinha  
Era curador.  
Do chão ao teto  
Tudo curava a dor.

Para espantar o tédio,  
O mico do realejo  
Aparecia de seu fundo escuro,  
Distribuindo sortes,  
Profetizando futuros  
A quem lhe apetecia.

Bem ao lado, de repente,  
Saía o camundongo de seu labirinto,  
Com um presentinho à boca para dar.

E na gaiolinha fumaça,  
Se põe o periquito a pular  
Arrancando sorriso de toda a gente  
Que passa!

Que passava...

Pois o Tempo é senhor severo.  
É alheio aos milagres.  
E não olha a quem possa  
Fazer troça.

E no trote do Cavalo de Ferro  
Chamado Progresso,  
As coisas já não são como antes...

Progresso é réu confesso  
Do interesse utilizar tudo.

Sem avisar os viajantes  
Faz de almoço o próprio mundo  
Em que pasta,  
E em cujo chão deixa suas pegadas  
Fumegantes.

A barraquinha de Esculápio,  
Que não teve chance  
De dar um pio,  
Foi abocanhada.  
E Progresso construiu  
No lugar, de um lance,  
Ruas, lojas e fachadas.

Mas o mesmo Tempo,  
O maior dos saltimbancos,  
Prega peça em tudo o que cria.

O Cavalo de Ferro passa  
E volta a magia  
Do lúdico frescor da infância.

Esculápio volta  
Abrindo novas portas,  
Rindo novos sorrisos  
Batendo novas palmas...

Nos dando denovo  
As chaves perdidas  
Do Paraíso,  
Que mora na alma!



# XVIII

## O segredo do ventilador

(05/10/2016)

*Em Cabo Frio é famoso o Vento Oeste. Famoso e travesso! Bagunça as roupas no varal. Bate portas e janelas. Traz chuva repentina que molha os desavisados a andar na rua sem a proteção de um guarda-chuva.*

*Sério e com o freio de mão puxado, eu queria ter mais natural em mim a rebeldia do Oeste.*

*No teatro, espaço fluido e habitado por desejos flagrantes, a constatação era constante: "O Henrique se scandalizou". É que eu saí da igreja (mas a igreja não tinha saído de mim) e passei a frequentar o teatro. Uma transformação de espaço radical e muito repentina.*

*Se eu fosse mais brincante, alado e descontraído... Tudo teria sido mais fácil.*



Aqui em casa  
O único que bate asa  
É o ventilador,  
Num girar sem fim.

Aqui, dentro de mim,  
Ardor...  
A dor infinita.

Adormecido, vou  
Fugindo em voo  
Dos espaços vazios,  
Da náusea, do enjoo.

Plainando ao sabor  
Desta ganja,  
Vou plantando  
Minha granja,  
No país luzidio  
Do fogo branco.

Mas todo acordar  
É um morrer...

O ar da noite  
Cheira à noir  
Em Cabo Frio.

Na nuca, corre  
Um arrepio  
Que morre no mar  
Mas não acaba nunca.

No bar,  
Copos cheios  
A encharcar  
Corpos vazios...

Depois de um copo  
Tem sempre outro copo.  
Depois de um corpo  
Tem sempre outro corpo.

Aqui dentro queima  
Um fogo inextinguível,  
A devorar  
Copos e corpos.

A consumir  
Ares e mares,  
Dias e noites  
Realidades e sonhos.

A sumir  
Comigo,  
De mim.

Érro.

Procurando tanto  
Não sei o que.  
Abrindo o manto  
De tudo o que  
Não se vê,  
Para ver nada.

E pelas esquinas,  
Atravessando fachadas,  
O vento travesso  
Balança os vestidos  
Das meninas.

Tanto tempo  
A tentar tanto...

Óh ventilador,  
Me ensina a fazer  
Vento!

Ó ventilador,  
Me ensina  
A voar!



**Proximidades da praça São Benedito - Cabo Frio / RJ**

# XIX

## A vez do vingador mascarado ( 10/10/2016 )

*“Vamos fazer uma peça!”, disse Jiddu Saldanha, meu professor de teatro e também meu terapeuta. Ao longo do processo terapêutico, ele sugeriu que eu montasse e encenasse uma peça teatral.*

*Assim nasceu “O Poeta e suas Máscaras” que, foi encenado duas vezes em 2016. Uma vez na escola onde trabalhava e outra vez num festival de teatro no Teatro Municipal. A peça reunia a declamação de três poemas deste livro (Profissão de Fé, O Segredo do Ventilador e A Vez do Vingador Mascarado, o próximo texto), junto com uma mise-en-scène que o Jiddu e eu ensaiamos juntos, nas sessões.*

*O Jiddu foi uma grande figura para mim naquele ano. Mentor intelectual deste trabalho que ora ofereço, a cada poema que eu escrevia e mostrava, ele reagia com muito entusiasmo e me incentivava a escrever mais.*

*O próximo texto foi uma sugestão direta dele. “Você tem de ser como o Zorro” e eu me vesti de Zorro no espetáculo.*

*Bons tempos esses em que encenei “O Poeta e suas Máscaras”. Na vez que apresentei na escola, quando fui tirar a espada de brinquedo da faixa que trazia na cintura, o movimento foi tão bruto por causa da empolgação que a lâmina da arma me escapou da empunhadura e voou para longe. A jornalista da escola, que tudo registrava, riu ao que eu respondi no final da peça: “Só tem graça se for de verdade, com risco e tudo...”.*



Sou aquele da flauta quebrada.  
Aquele vítima do próprio assalto.  
Aquele descalço a andar no asfalto  
Em um dia quente.

Eu...

Que com minha gentileza  
Tenho esperado em vão  
suavisar minha sina.

Que tenho oferecido  
A outra face, só  
Pra apanhar mais uma vez  
De qualquer menina.

Eu, que sou corcunda,  
Encurvado pelo peso da vida.  
Que vivo a olhar pra baixo,  
Sempre com a cabeça nas nuvens.

Eu, que nasci mártir  
Sem ter pedido.

Que perdido do escárnio  
Tenho Ascendente,  
Vênus, Saturno e Marte  
Tudo em Capricórnio.

Eu que estudei Física  
E não vejo estrelas no meu céu.

Eu que só transo  
Palavras no papel,

Que corro pra casa,  
E no lugar  
De uma mulher gostosa,  
Espera-me meu caderno  
De prosas.

Eu, que morto de fome  
Vivo a servir banquetes.  
Que ando a segurar velas  
A amores defuntos.  
Que morro de pau duro  
Todas as noites,  
Em todos os trucos.

Eu, que tenho pegado  
Carona na boléia de Caronte  
- O barqueiro dos mortos -  
Sem ter, ao menos, uma  
Moeda para dar.

Que tenho descascado batatas  
Na cozinha de Hades  
E sou fervido com elas  
No caldeirão.  
E sou servido com elas  
No bandeirão

Eu que adoro um romance,  
Tenho amargado  
Cem anos de solidão.  
Tenho pintado a vida  
Com mil tons de cinza.  
Sem crime,  
Tenho recebido castigo  
Em mais uma temporada  
No inferno.

Minhas mil e uma noites  
São de sono.  
E na Terra do Nunca  
Só o não eterno:

“Nunca mergulharás  
No mar do amor”  
“Nunca encontrarás alguém  
Que te entenda”  
“Nunca serás correspondido”

Nunca  
Nunca  
Nunca...

Eu, a querer-me explodir  
Por inteiro,  
Só envolvido em pilha  
Meia-Bomba.

Eu, que sinto a necessidade  
Imperiosa de me pirar,  
Mas ando como quem tomba  
Nos escrúpulos  
E na conveniência.

Eu que não aprendi  
Nada de convivência  
Na escola,  
Tenho que sorrir  
A toda a gente.

E sorrio!

Mas chegou a hora  
Da minha vingança!  
Chegou a hora  
De espetar o rabo da vida!  
Chegou a hora  
De entrar na dança!

De roubar a Musa  
À força!

Eu, que nunca deixo  
O fracasso subir-me a cabeça,  
Sou invencível.  
Sou como o vento invernal.  
Avanço,  
De derrota em derrota,  
Até a vitória final!

Eu, que aprendi a perder na vida  
Desfiro aqui e agora  
Meu golpe fatal,  
Para ganhar o público!

Tucheeee!!



## XX

### Trilogia guerreira

(14/10/2016)

*Éris, a deusa da discórdia, é uma figura soturna e mal vista na mitologia grega. Filha do Érebo, só é procurada pelos olímpianos quando seus serviços funestos se fazem necessários. Mas ninguém se lembra dela quando o tempo é de festa e de deleite.*

*E assim aconteceu na boda de Peleu, um mortal, e Tétis, uma das cinquenta filhas de Nereu, deus marinho. O centauro Quíron, o anfitrião da festa convidou os nobres, deuses e humanos, mas de Éris se esqueceu. Despeitada, ela apareceu assim mesmo na festa. Invisível atrás de uma nuvem, deixou cair entre os convivas uma maçã de ouro perfeita, com a inscrição “À mais bela”. Eis o famoso pomo da discórdia.*

*“Se é para a mais bela, é para mim”, pensou o mulherio presente e no final, três candidatas de peso reclamaram o prêmio. Hera, a rainha. Atena, a deusa guerreira e Afrodite, a deusa do amor.*

*Zeus não quis decidir a parada pois, além de ser uma disputa familiar, sabia que agradaria a escolhida, mas ganharia o desafeto das duas perdedoras. Ele resolveu que, quem iria julgar a questão seria Páris, príncipe de Tróia que vivia como um simples pastor nas colinas do monte Ida.*

*As três deusas se apresentaram ao venturoso infeliz, cada uma com uma promessa: “Te farei o maior rei da Ásia, se me escolheres” disse Hera. “Te darei o maior exército” disse Atena. “Te darei o amor da mais bela mulher do mundo, Helena”, disse Afrodite. E como a promessa desta terceira não era genérica, mas tinha um nome, foi a escolhida.*

*Acontece que Helena tinha marido. Menelau, rei de Esparta.*

*Quando Páris rapta Helena, está ensejada a mais famosa guerra de todos os tempos! E tudo isto pelo despeito de uma mulher!*

*Já Calíope, uma das nove filhas de Zeus com Mnemosine, era a musa da poesia.*

*E se Éris e Calíope encontrassem um jovem poeta, o que diriam?*

*Os deixo com o texto que se segue...*



#### I – Batismo de Fogo

A Musa em mim  
Está mudada.  
Agora vejo não uma,  
Mas duas figuras  
No fim da estrada,  
A andarem juntas.

De mãos dadas,  
Orquestram incêndios.

Uma traz a lira pluricórdia.  
O fruto da discórdia,  
Traz a outra.

- Dourada maçã  
Manchada a escarlata -

O véu de Éris  
Goteja sangue  
Fervente  
Na branca lã  
De sua veste.

É assim há eras...

E de repente  
Uma serpente-fera  
Que lhe orna  
A cabeça, fala:

“Deixa a flauta doce, poeta.  
Abandona o delirante arco.  
Hoje nascerás de novo.

Daqui para frente  
Serás belicoso coreuta  
De palavras de cerco!”

Sua voz monocórdia  
Petrifica-me por encanto.  
Enquanto, sem misericórdia,  
Éris me unge o canto  
Da boca com o dedo  
Quente e ensanguentado.

O tempo para.

Sinto um comichão  
Indesejado.  
Sinto a tampa  
De um caixão  
A fechar  
E fechado,  
Já me vem um nó  
A embaralhar-me  
As tripas.  
A derrubar-me no chão  
Sem dó,  
Num morrer  
Sem morte ainda.

Sinto a pele a pegar fogo  
Por cima da carne fria.

E como num jogo  
Macabro ou num desatino  
Raivoso de um chão  
A caçar o próprio rabo.

Procuro meu velho eu  
Que desvanesce em cinza,  
Enquanto já me morde  
O novo eu que surge,  
Que ruge e que fica.

Áh, parir uma ave canóra  
E dançarina  
De um lábaro brilhante,  
Esquecido da hora,  
Vermelho bonina!

“Voa veloz  
Fênix de ouro!

Que tua voz  
Fervente  
Rache o couro  
De muita gente  
Dura e ferina.”

Foram estes os votos  
Retumbantes  
De Éris menina.

Para além do interesse vil  
Que a tudo corrompe,  
Neste parto de mim,  
De um lance  
Ergo a fronte  
A fitar Calíope.

Ela tudo viu.  
Ela não teme  
A chama faminta.  
Ela também me fita  
E me chama.

E o vento sussurra  
Do Além:

“Prepara-te para a guerra!”

## **II – Palavras de Cerco (Ou A Mensagem de Éris)**

A deusa perversa  
Apenas o sorriso  
Esboça.  
Enquanto deixa  
A serpe em friso  
Que traz no lugar  
Da madeixa,  
Me dar uma coça:

“Levanta-te poeta  
Escarlate!

Eis que te ponho  
Uma nova meta  
Bisonha.

Um sonho esquecido  
De quem sonha.

A poesia em linha reta  
Que guerrilha faz,  
À cabeça cozida  
Que deita na fronha  
Toda noite  
Em busca de paz.

Paz é o cacete!  
Dirás!

Deves cantar  
Como quem grita,  
A esta gente  
Cheia de macete  
E de tédio,  
Que, viciada em consumo,  
Enche a cara de remédio,  
Pois só pode  
Remediar a vida  
Que não sabe  
Mais viver...

A maioria de nós  
É apenas vivido  
Pela vida...

Considera isto poeta!

Sopra então  
Tua buzina!

Que ela sacuda e abale  
O automatismo  
De quem esqueceu  
Que a vida  
É um baile.

Que ela rua  
Todos os alicerces  
Da comodidade  
Desta gente  
Viva-morta  
Que anda a andar na rua  
Aos tropeções  
De pernas tortas.

Como um Arquimedes  
Alucinado  
À luz da lua,

Construa  
Máquinas de guerra!

Trabucos pesados,  
Bate-Estacas,  
Catapultas,  
Balistas...

E não se esqueça  
De colocar na lista  
Deste cerco de ameaça,  
O ariete da dúvida,  
A derrubar  
As muralhas do comum.

Force por baixo,  
Mas tome terreno  
Também pelo alto.

Use flechas com veneno.  
Fabrique torres de assalto,  
A vomitar na cara  
Da Ordem,  
Soldados altivos  
A empunharem  
Martelletes contusivos.

Cause dor  
Quebre ossos!

Use bestas de setas agudas,  
Afiadas ao ponto  
De dividir ao meio  
A bunda de uma mosca.

Pra fazer brilhar denovo  
Nossa mente fosca.  
Pra fazer pensar denovo  
Nossa cabeça oca.

Pra sujar a realidade  
Novamente de estranho;  
Com sangue vermelho vivo  
Ao invés desse podre castanho  
Que hoje,  
Nos corre nas veias..."

### III – Canto aos Esquecidos (Ou A Mensagem de Calíope)

As palavras  
Da deusa  
Batem forte  
Como mais um  
Vento quente  
Vindo do norte  
De lugar nenhum.

Com a buzina  
Da Guerra  
Nas mãos  
Viro-me a sair,  
A tomar  
A primeira esquina  
Para sacudir  
A Terra.

Mas se a deusa  
Cobra, cobra,  
A Musa inspira.  
E Calíope  
Segura-me o pé.

Áh! Tão doce ela é.  
Faço tudo  
O que ela quer  
A fundo.

Com o rosto  
De quem ama,  
Ela me fala:

“Escuta guerreiro,  
Não te esqueças  
De todos os esquecidos,  
Abatidos  
No terreiros batidos  
Deste mundo.

Faça uma ode  
Aos marginalizados.  
Aos carregadores de podre  
Muamba.  
Aos que andam só  
Em cima duma  
Corda bamba.

Aos filhos de Ló  
Que esgotam as cinzas  
Do mundo.  
Aos filhos da navalha.  
Às vítimas  
Da gente canalha  
Que tudo quer.

Faça uma ode  
De amor  
Aos malamados,  
Acabados  
Em becos sujos.  
Aos diferentes.  
Aos não entendidos.  
Aos caçados como bandidos  
Sem deverem nada.

Aos vampiros  
Da madrugada,  
Aos amaldiçoados  
Da gente de bem  
Que xinga e que mata.  
Que disparam tiros  
De balas de prata  
A quem não reconhecem  
Como igual.

Como o cão que late  
E guarda a noite  
Canta poeta escarlate!

Canta!

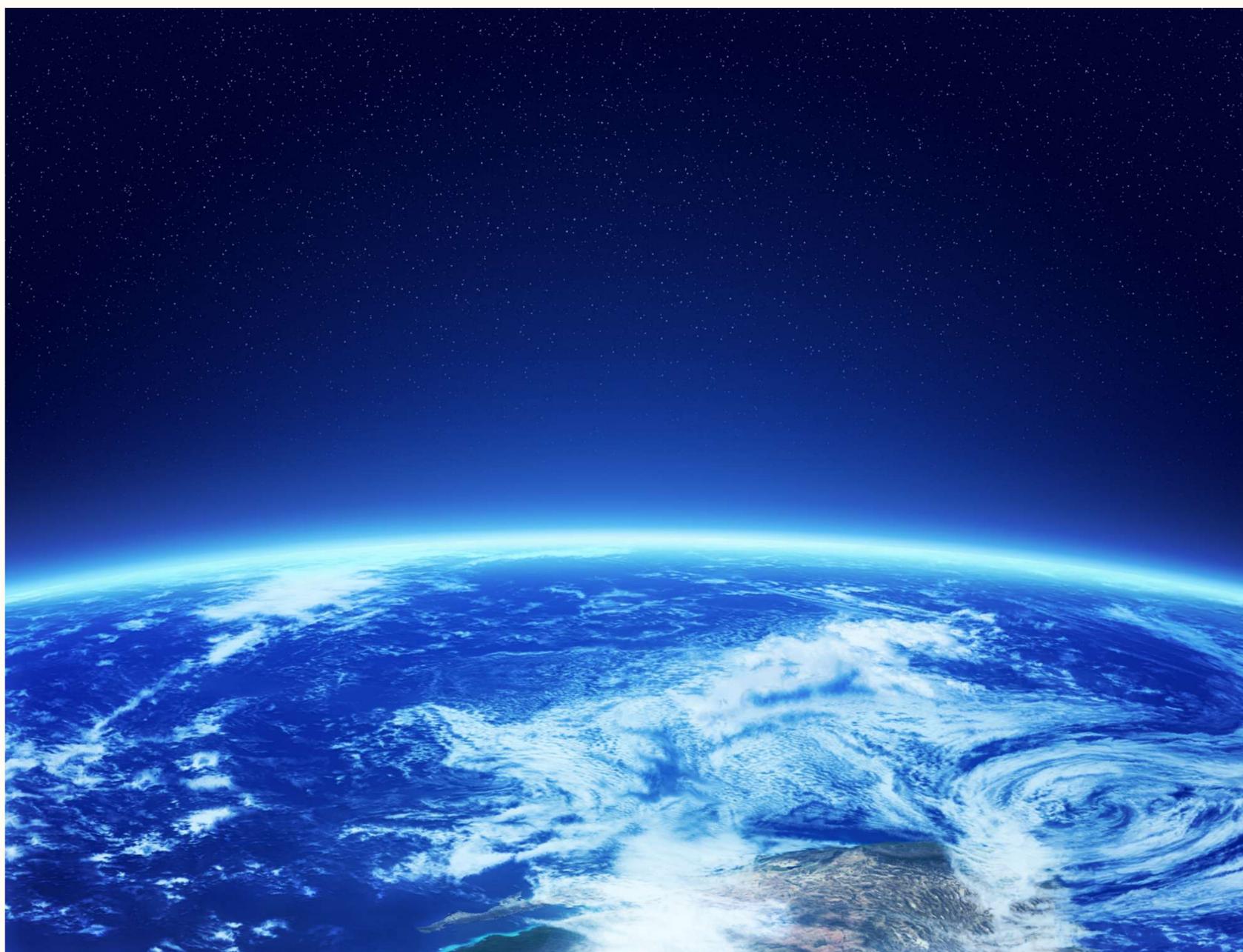
E traga na voz  
A dor de todos  
Os desgraçados.

Que foram desgraçados  
Por nós.  
Que foram desprezados  
Por vós  
Que foram jogados  
Numa ilha  
De horrores!

Mas diga que  
A Estrela deles  
Ainda brilha  
Cintilando cores  
Deslumbrantes!

Diga que chegará  
O Tempo  
Em que o semelhante  
E o diferente,  
Que ainda trocam  
Socos odiosos,  
Como quem erra.

Se reconhecerão  
Como Irmãos  
E Filhos venturosos  
Da Mãe Terra!"



# SOBRE O AUTOR

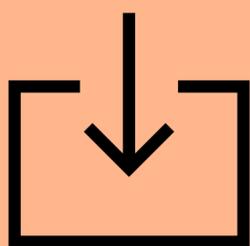
Henrique Selani Silva foi professor de Física no Instituto Federal Fluminense (IFF) Campus Cabo Frio (2013 – 2018), onde ministrava aulas para os níveis Médio, Técnico e Superior.

Lá desenvolveu os projetos:

- 1) Produção audiovisual de experimentos científicos (O Mundo da Física),
- 2) Oficina de teatro e dramaturgia (IFFCENA)
- 3) Clube de Debates Regradados (C.D.D).

Em 2019 veio transferido para o Instituto Federal do Sudeste de Minas – Campus Santos Dumont. Atualmente estuda Filosofia e se interessa por questões da interface Ciências/Humanidades.

O leitor interessado poderá conferir os referidos trabalhos nos seguintes sítios eletrônicos:



**1**



**2**



**3**



# Ficha Técnica

**"Poesia Queimada de Sal"**

**AUTOR**

**Henrique Selani Silva**

**PINTURA DIGITAL DE CAPA**

**Yuri Vasconcellos**

**IMAGENS**

**Domínio Público**

**PROJETO GRÁFICO**

**Jiddu Saldanha**



**ISBN - 978-65-00-32468-6**

